

Proposta de Trabalho

Título:	Fluxos Migratórios – Parte II
Data:	25 de Agosto de 2010
Data Limite:	30 de Agosto de 2010
UC:	Sociedade, Tecnologia e Ciência 6
Formadora :	Flávia Rodrigues

➔ Descrição:

Parte I:

Após a leitura dos textos “Panorama histórico da emigração portuguesa” e “O impacto económico da imigração para Portugal”, responda de forma clara e sucinta às seguintes questões:

1. Identifique fluxos migratórios (de entrada e saída) verificados em Portugal ao longo dos tempos, em particular no que se refere ao sec.XX.
2. Identifique as causas para a existência dos fluxos migratórios que enumerou na alínea anterior e relacione esses fluxos com estruturas de oportunidades nos diferentes países (a nível económico, político, cultural,...).

Parte II:

Após a leitura do texto intitulado “Porque emigram os portugueses?” e Artigo 44º da Constituição da República Portuguesa, reflecta sobre a seguinte questão:

3. Consideraria fazer parte do contingente de portugueses que todos os anos parte para o estrangeiro? Justifique as razões da opção que efectuar. (**NOTA:** Construa um texto com um mínimo de 200 palavras.)

Parte III:

Tomando como referência o debate em sala acerca da imigração na sessão anterior após o visionamento da reportagem “Português Suave”, e a própria reportagem em si, construa 3 questões, dando-lhes resposta, que relacionem o vídeo com a temática trabalhada neste Domínio de Referência.

NOTA: Deve relacionar a facto de se imigrar (clandestinamente) para outro país; o facto de se procurar uma vida melhor para toda a família e as diferentes dificuldades/vantagens que traz o imigrar sozinho ou com toda a família; e, os casos de exclusão social e económica a que um imigrante pode estar sujeito.

➤ Objectivos:

Entender os fluxos migratórios das populações e o êxodo rural como resultado de desigualdades económicas, culturais e/ou políticas;

Compreender as razões que levaram à emigração dos portugueses no século XX;

Compreender o contexto intercultural da sociedade actual;

Entender os fluxos migratórios, igualmente, como geradores também de processos de (re)construção identitária e de “descoberta do outro”.

➤ Critérios de Evidência:

Identificar fluxos migratórios importantes (de entrada e saída) verificados em Portugal no século XX;

Relacionar esses fluxos migratórios com estruturas de oportunidades (económicas, políticas e culturais) muito assimétricas entre regiões e países;

Explorar características dos pólos de atracção de população (regiões em expansão) e dos pólos de repulsão (regiões deprimidas)

➤ Metodologia:

Após o visionamento dos vídeos de enquadramento à temática na sessão anterior e do debate em sala, propõe-se a leitura de pequenos textos como forma de complementar e fundamentar a aquisição de alguns conceitos importantes a reter acerca dos fluxos migratórios de ontem e de hoje na nossa sociedade. Pretendendo-se que os formandos respondam às questões efectuadas, de forma reflectida e ponderada, de modo a evidenciar os conhecimentos adquiridos no âmbito do domínio de referência 4 “Mobilidades Locais e Globais”, do núcleo gerador 6.

➤ Observações / Sugestões:

Na elaboração das respostas tenham em conta a construção de frases, baseando-se de forma reflectida nos conteúdos debatidos.

Tenha em atenção que as respostas devem ser construídas de forma a introduzir a temática, desenvolvimento da mesma, e culminar com uma pequena conclusão.

Parte I - Movimentos migratórios registados em Portugal no séc. XX -

Texto 1: Panorama histórico da emigração portuguesa

Não obstante a ausência de dados estatísticos consistentes sobre a emigração portuguesa até ao séc. XIX, é possível afirmar-se que a génese do fenómeno emigratório remonta já ao período das Descobertas. Embora alguns autores, como Eduardo Lourenço (1), salientem que as saídas massivas de população portuguesa registadas, ao longo dos séculos XV e XVI, quer para as índias quer para o Brasil não constituem verdadeiros fluxos emigratórios, a verdade é que o contexto histórico que lançou os portugueses além-mar definiu, em certa medida, os destinos preferenciais da primeira vaga emigratória. A abordagem histórica da emigração portuguesa contempla forçosamente a avaliação de dois movimentos distintos — o movimento transoceânico e o movimento intra-europeu.

O movimento transoceânico é o mais antigo e dominou ao longo de todo o século XIX, dirigindo-se predominantemente para o Brasil. Ao longo do século XX, para além do Brasil, os EUA, o Canadá, a Venezuela e a África do Sul contam-se entre os destinos mais procurados no contexto desta corrente. O movimento intra-europeu, bastante mais recente, estabelece-se sobretudo na segunda metade do século XX, constituindo a França e a Alemanha os principais pólos de atracção.

Texto 2: O impacto económico da imigração para Portugal

Numa perspectiva de análise histórica, podemos afirmar que Portugal tem sido um país de emigração cuja génese remonta ao séc. XV, com o início do movimento das descobertas. No entanto, os fluxos imigratórios para Portugal não são um fenómeno recente, remontando igualmente a sua origem ao séc. XV, com a importação de escravos, sobretudo oriundos de África, para compensar a carência de mão-de-obra decorrente do modelo de expansão colonial português. A partir do séc. XVIII terminou essa imigração forçada para Portugal, continuando, porém, a processar-se com destino ao Brasil. No séc. XIX, os fluxos imigratórios para Portugal tornaram-se insignificantes, em termos demográficos, mas não em termos económicos, devendo

salientar-se a presença de cidadãos estrangeiros originários de Espanha, Reino Unido, Alemanha e França, ligados à exploração mineira e à comercialização do vinho do Porto (Lopes, p. 93), assim como a presença de brasileiros, presença essa profusamente referenciada na literatura da época.

No séc. XX, na década de 60, começou a delinear-se um novo fluxo imigratório induzido pela progressiva abertura da economia portuguesa, por um lado, e pela escassez de mão-de-obra derivada do êxodo emigratório para a Europa e do recrutamento militar para as guerras coloniais, por outro lado (Pires, p. 198).

Nota: Sugere-se como leitura adicional de apoio à elaboração das perguntas o texto intitulado “Terra de migrações” da autoria de Dulce Pimentel e que pode ser consultado no seguinte endereço de internet:

<http://www.igeo.pt/atlas/Cap2/Cap2.html>

Parte II – Porque emigram os Portugueses?

Desde o século XVI que se discute as razões que terão levado um povo tão pequeno a espalhar-se pelo mundo inteiro. As explicações são muitas e estão longe de serem consensuais.

O primeiro aspecto que tem sido destacado é justamente a diminuta população do país. Recorde-se que no início da expansão, em 1415, a população portuguesa contaria no máximo com 1 milhão de indivíduos. No século XVI, rondaria o 1,4 milhões e se saltarmos para o século XVIII cifra-se à volta dos: 2,1 milhões de indivíduos. A partir daí pouco crescem: 3 milhões em 1800 e 5 milhões em 1900. Actualmente pouco ultrapassa os 10 milhões. Este fraco crescimento contrasta com uma elevada fecundidade das famílias portuguesas. Qual foi a razão porque a população não cresceu? A explicação para muitos autores está nas necessidades de povoamento das colónias portuguesas, mas também na própria emigração, que absorviam os saldos fisiológicos.

Entre as razões que explicariam os contínuos fluxos emigratórios dos portugueses podemos destacar as seguintes:

1. Factor Geográfico. Portugal fica num extremo da Europa, entre a Espanha e o Oceano. Os rasgados horizontes marítimos nas suas costas parecem ter estimulado nos portugueses o desejo de explorar o mundo, descobrir outras culturas. A Espanha, no lado oposto, lembra guerras, pilhagens, saques. A emigração na direcção do centro da Europa é um fenómeno relativamente recente (segunda metade do século XX) e ocorre numa altura que os portugueses já estavam há séculos espalhados pelo mundo.

2. Miséria. Os portugueses emigram para fugirem à miséria e falta de trabalho que grassa nos campos e que as cidades não conseguem absorver. Nas regiões, como o Douro, Minho, as ilhas da Madeira e Açores, onde é mais notório o excesso de mão-de-obra a emigração surge como o recurso por excelência para resolver a falta de trabalho na agricultura e pescas. Analisando as descrições dos que emigraram entre meados do século XIX e os anos 70 do século XX, ninguém duvida em subscrever que esta terá sido uma das razões que motivou a saída de alguns milhões de portugueses.

3. Tradição. A emigração é uma tradição secular em Portugal. Na verdade, uma vez iniciada a emigração no século XV nunca mais parou. Um dos factores que estimulou a sua continuidade foi o facto de se terem criado em muitos pontos do mundo comunidades de Portugueses que apoiaram os novos emigrantes estimulando-os a partir ou ajudando-os a fixarem-se no local. Por outro lado, em Portugal, numa qualquer família, há sempre um familiar ou amigo que emigrou e que pode prestar as informações necessárias para outro o fazer. Quando os problemas se avolumam no país, ou ocorre algum problema na vida, afirmam alguns analistas, o português não luta para os resolver, mas emigra. É mais fácil convencer um português a emigrar para a China, do que convencê-lo a mudar de residência para outra parte do país.

4. Fuga a perseguições religiosas e políticas. Entre princípios do século XVI e inícios do XX, tivemos ferozes perseguições religiosas a judeus e cristãos-novos portugueses. Muitos milhares foram forçados, para sobreviverem, a espalharem-se por todo o

mundo. No século XX, as perseguições políticas que ocorreram entre 1926 e 1974, a que se juntou entre 1961-1974 a fuga de centenas de milhares de jovens ao serviço militar ajudaram a engrossar este caudal emigratório.

5. Missão Histórica. Um elaborado discurso ideológico desde o século XVI atribui aos portugueses uma espécie de missão histórica: difundirem a cristandade pelo mundo (Luís de Camões, escreveu sobre este tema uma epopeia – Os Lusíadas). O Padre António Vieira retomou o tema com a ideia do Vº. Império. A emigração seria, neste aspecto, um instrumento deste desígnio nacional. No século XX, poetas como Fernando Pessoa, reelaboraram esta explicação à luz dos valores contemporâneos, embora mantendo o seu esquema inicial.

6. Abertura de Horizontes. A situação geográfica de Portugal, num extremo da Europa, sempre provocou problemas de isolamento cultural. "As coisas chegam aqui com muito atraso", este é o lamento que se repetiu durante séculos e que explica a partida de muitos milhares de portugueses para o estrangeiro.

Conclusões

Estas "explicações" pecam por serem demasiado centradas na realidade portuguesa. Na verdade, desde o século XVI a emigração portuguesa pouco difere daquela que ocorreu na maioria dos países europeus. A especificidade se é que aqui ocorreu muito cedo, e teve uma maior dispersão geográfica e dimensão quantitativa em termos percentuais.

Na verdade entre o século XVII e meados do século XX, da maioria dos países europeus passaram a sair regularmente importantes contingentes de emigrantes para as regiões menos povoadas do mundo ou territórios que estes dominavam (colónias).

A maioria destes emigrantes era mão-de-obra excedentária

das zonas rurais. Calcula-se que entre 1800 e 1935 cerca de 50 milhões de europeus tenham emigrado para África, Américas, Ásia e Oceânia.

Foi preciso esperar que na Europa se desse em alguns países um forte desenvolvimento económico e urbano, para que estes excedentes populacionais pudessem começar a ser absorvidos na própria Europa. Esta alteração só ocorreu nos

países mais industrializados após a 2ª. Guerra Mundial (1939-1945). Devastados pela guerra a partir de meados dos anos 50 registam permanentes necessidades de mão-de-obra estrangeira. Esta penúria foi agravada quer pelo abaixamento das taxas de fecundidade, quer pelo facto das camadas mais jovens da sua população, portadoras de maior instrução, manifestarem uma crescente rejeição por certos trabalhos mais duros e repetitivos (trabalhos indiferenciados, pouco prestigiados e mal pagos).

Os países mais industrializados da Europa, mas também os EUA, Canadá ou o Austrália recorrem até aos anos 70 do século XX à mão-de-obra dos países europeus menos industrializados (Itália, Espanha, Portugal, Grécia, etc). Contudo, à medida que estes se desenvolveram deixaram de ser exportadores de mão-de-obra e passaram a ter também necessidades de mão-de-obra estrangeira. Inicialmente, a maioria dos novos emigrantes era oriunda de antigas colónias que se haviam tornado independentes. A emigração à escala mundial inverteu o seu rumo: em vez de sair da Europa para o resto do mundo, passou a vir do resto do mundo para a Europa.

Nesta perspectiva global, a emigração portuguesa pouco difere da europeia, apenas regista algum atraso na conclusão dos ciclos históricos, continuando a registar alguma influência de factores históricos e culturais. Emigrar continua a ser uma das "actividades" mais dinâmicas dos portugueses.

In <http://imigrantes.no.sapo.pt/page6razoes.html>. Texto produzido por Carlos Fontes

Constituição da República Portuguesa

Artigo 44.º

(Direito de deslocação e de emigração)

1. A todos os cidadãos é garantido o direito de se deslocarem e fixarem livremente em qualquer parte do território nacional.
2. A todos é garantido o direito de emigrar ou de sair do território nacional e o direito de regressar.